



Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

12 DE NOVEMBRO DE 1960
ANO XVI — N.º 435 Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Nota da Quinzena

«Venho agradecer o auxílio que se dignou enviar para a casa do meu parquiano Manuel Tomé e dar-lhe uma notícia trágica: o homem andava preocupadíssimo com o problema da sua casita, triste por deixar uma casa onde viveu muitos anos, e como foi sempre muito recto, homem direito e de contas, temia ter que ficar a dever, para concluir a sua casa. Dei-lhe a notícia da ajuda que V. se dignou mandar e da promessa que fazia de mais alguma coisa depois. O homem, impressionado com tudo isto, morre repentinamente.

As suas últimas palavras foram: «fazer a casa para esses desgraçados...» Deixa viúva e um filho de trinta e tantos anos que nunca pensou em casar para não abandonar os pais.

A casa terá pois que se fazer, até porque aumentou a necessidade. E aumentaram as dificuldades: o falecido tinha boas promessas de ofertas que agora se desconhecem e a sua mulher levou-lhes as últimas migalhas.

Queria pois que V., atentas todas estas circunstâncias, me ajudasse mais um pouco a levantar esta casa que para já tem uma história tão dramática!

Obriga a projecto qualquer casa de Pobres mesmo que fique retirada de caminhos públicos, como obriga a licença.

Esta do falecido fica a 50 metros do caminho, isolada, e a licença custou-me quase 400\$00 e pelo material do projecto dei a um amigo 190\$00! Os Pobres não têm neste ponto quaisquer facilidades! Aguardo as suas ordens.

Eis um documento. A gente está habituado a chamar assim aos em papel azul de não sei quantas linhas, com selos e assinaturas reconhecidas pelo tabelião. Este é um documento humano. Uma carta de um Pároco inquieto com a sorte das ovelhas que o Senhor lhe confiou; solícito, sobretudo — como é justo, racional e salutar — por aquelas que são as mais franzinas do seu rebanho.

Morre-se de dor, como de alegria. Morre-se, afinal, como se vive, pois não há quem viva sem dor e sem alegria. Mas há preocupações tão dominantes, ansiosos tão longamente recalçados, a esperança nos homens tão diminuída — que o dia da boa-nova é o despontar do Céu!

«É o coração que mata a gente... Eu sei» — disse Pai Américo uma vez no palco do Coliseu do Porto, com uma veemência de iluminação. «Eu sei».

Foi o coração que matou este hom. m. A sua casa, o desejo dela eram grandes demais para ser m realidade neste mundo mesquinho. E quando eu ia a resgatar a sua omissão, «o meu Manuel Tomé», — como lhe chama o seu Pároco — não resiste, como os estômagos famintos não resistem ao primeiro caldo que responde à longa fome.

Nós já assistíramos a muitas lágrimas, que nos ensinavam mais profundamente o valor da casa para o homem bem formado (Ai do que a já, não aprecia). Lembro-me de uma vez que Pai Américo contou a aflição de uma velhinha, ao entrar na sua casa do Património, porque certamente já ia durar pouco para gozar tamanho bem! Mas uma morte é a primeira, que eu saiba, a selar esta Obra que Deus quer.

Esperamos que o Senhor em Sua infinita misericórdia, terá dado ao Manuel Tomé a Morada que os homens jamais seriam capazes de lhe dar.

CAL F. VA RIO

A noite caiu há momentos ainda, e já tudo são trevas. A chuva mansa, mas insistente, perturba ainda mais a visibilidade. É a hora do terço. Os rapazes encaminham-se às corridas para o salão. E, no terreiro da Casa, encontra-se imóvel vulto baixo de homem. Tinham-me feito notar que este desejava qualquer coisa. Acерco-me. A meia luz, que

Tabaco

...Para os nossos doentes. Temos cá muitos fumadores. Ti Lobato, Senhor Daniel, Senhor Carvalho, Senhor Teixeira, Senhor Leitão mais o Ti Bernardino e o Alfredo quando se queixa dos dentes.

Fazia muito jeito se cá viesse ter algum pacote e temos a certeza que tal vai suceder pois os estimados leitores sabem muito bem o que é ser doente. Quem escuta os nossos?

das casas se escoia, diviso andrajos; e em rosto muito carregado, que a barba crescida mais escurece, adivinho grande perturbação. Abrigamo-nos sob a varanda. A noite escuta o queixume de quem muito tem sofrido; e eu atento à esperança de quem fez léguas compridas para estar aqui a estas horas.

—« Venho de muito longe. De Santo Tirso. Não tenho pais nem irmãos. Ajeito a vida como criado de lavoura. Mas adoeci e hoje ninguém me quer. O mal não me deixa dormir em cama enxuta. Veja: Continua na quarta página

ÁFRICA

Cambambe foi a nossa segunda saída de Luanda. Será ali a maior fonte de energia do mundo Português. Perto, no Dondo, prepara-se a Fábrica do alumínio.

De resto, o Dondo é um velho concelho com tradições; Centro comercial antigo e entreposto de trabalho. Agora, com energia farta, servido por uma bela estrada desde Luanda, a qual promete continuar até Nova Lisboa — é natural que se desenvolva industrialmente e se torne, em breve, dos centros mais prósperos de Angola.

Cambambe é, precisamente, a sede antiga da circunscrição do Dondo. Os seus pergaminhos têm mais nobreza; pois foi aqui o reduto invicto quando da invasão dos holandeses. Mas tudo isto pertence à história. A atestar as ruínas da cidadela com sua igreja, onde eu tive a ventura de celebrar, a céu aberto. E digo ventura, porque fui surpreendido durante a celebração por um coro indígena, cantando na sua língua melodias cheias de beleza e de espiritualidade. Quem nos dera cânticos que elevassem como aqueles, nos que correm por aí!

Estas ruínas são tudo quanto resta de Cambambe da História. Cambambe — 1960 é o estaleiro ocupado no trabalho febril da construção da barragem, e a cidadezinha residencial que lhe é anexa.

Não admira que indo nós por empregos para os nossos rapazes de hoje e de amanhã, tomássemos este rumo tão prometedor. Mas não dizia a verdade toda se escondesse o desejo de abraçar o Padre Telmo, já nosso conhecido das barragens do Douro.

Um engenheiro da SONEFE, que eu já não via desde que nos formáramos, foi quem nos levou desde Luanda. Chegámos sábado, à noitinha, um pouco atrasados por causa de uma avaria no carro. O povo do estaleiro, avisado por Padre Telmo, já nos esperava no recinto ao ar livre onde costumava haver cinema.

Projectou-se o nosso documentário, mas à muda. A instalação de som não permitiu que passássemos a gravação de Pai Américo; tampouco que dela nos servissemos.

Valeu-me estar no princípio da nossa peregrinação, bastante folgado ainda, para poder falar mais alto.

Ao outro dia, depois da Missa, demos uma volta pelas margens do Quanza onde terminam os preliminares indispensáveis ao começo da barragem.

Após o almoço regressámos, com paragem no Posto que a Junta do Algodão tem próximo de Catete. Aí mora o Herculaniano que foi do Lar de Coimbra, e sua família. Ele queria que fosse um almoço, ou um jantar... Nós também desejávamos mais, mas a vastidão do nosso programa não nos consentia demoras. Foi uma visita breve e uma merenda. Esperamos que a próxima será mais descansada.

Ganha vinte e cinco escudos por dia. Ao almoço, come pão. Os filhos comem pão e andam descalços.

Ao vê-los mastigar, pensei na Boa-Nova... As sobras dos irmãos ricos pertencem aos irmãos pobres. Aquele que tem pão, dê do seu pão ao Abel; aquele que tem calçado, calce os filhos do Abel; aquele que tem amor, ame o Abel.

Levantou-se o clamor judaico.

— Quem disse isto!!!

— Cristo.

— Pois tem de morrer. E morreu!

Foi um escândalo!

Nós, aterrados por este escândalo, nunca mataremos Cristo... É mais prudente tapá-Lo com rótulos, bandeiras e papeis.

Padre Telmo
(in «O lodo e as estrelas»)

Chales de Ordins

Até aqui as tecedeiras dos nossos chales eram, apenas, de Ordins e Ribas. Há muito, porém, que ansiava por estender este movimento artesanal ao resto da freguesia de Lagares, colhendo para artezãs as que mais fundo vissem, sob o aspecto material ou moral, ou, ainda, carecessem dum amparo moral.

Chegou o momento, não sem uma dificuldade. As recrutadas terão de vir a Ordins aprender. Ora a distância não é assim tão pequena, mas, logo que algumas aprendam, lá ensinarão as outras.

Pelo recrutamento das artezãs, vê-se que os «chales de Ordins» não são mais uma indústria. Pretendem ser um serviço de Deus, sendo uma Obra de caridade fraterna! A caridade, moeda corrente entre nós! Assim devia ser. E tantas vezes não é, por mais que se ponha diante dos olhos das senhoras artezãs as nossas responsabilidades. Se caridade para com elas, exige-se delas caridade para com todos.

Até hoje, nenhuma artezã quis abandonar o grupo das suas irmãs de trabalho. Mas também é verdade que, por vezes, por mais que nos custe e depois de tanto soffrermos e usarmos todos os outros meios, temos de expulsar quem, com tantas esperanças, tínhamos

admitido nos «chales de Ordins». O orgulho é o que mais cega estas Pobres de Cristo. Juntas, o ambiente, por vezes, é de vulcão. Nunca satisfeitas, mesmo se lhe dermos a camisa. A inveja corrompe a paze e a caridade que nos devem unir. Ordins tem hoje benefícios que não suspeitava, há dez anos, e, todavia, só quem vem de fora avalia o que aqui se vem fazendo pelos Pobres. Ora por tudo isto é que os «chales» se vão estender a Lagares inteira, a ver se a gratidão frutifica nas almas destas Pobres. Graças a Deus, nem toda a semente se perde. Há sempre alguma que frutifica — e é isto o que nos segura, quando o sol se esconde.

x x x

A Casa de Jesus Misericordioso vai-se apetrechando. Da Longra, há esperanças de alguma coisa para o consultório. Do Porto, esperanças de um bengaleiro, que nos estava a fazer falta. Coimbra trouxe ótimos medicamentos. Lisboa, além de 30\$ em selos, um fonendoscópio, estojo de emergência e aparelho para medir a tensão arterial, objectos que precisávamos. Bem haja!

Maria da Saudade prossegue com a sua cruz às costas, sem desfalecimentos. Vai aqui

com 9\$ em selos. Não sei donde, 10\$. S. João da Madeira, com 100\$, faz votos para que, breve, sejam monte «migalhas como esta», para ajudar a pagar a dívida. Esperemos em Deus e na generosidade das almas bem formadas.

Estamos na época dos chales. Breve, será uma enchente de pedidos. Compreendam, porém, os leitores que não podemos armazenar lãs, sem sabermos que há fregueses para as mesmas, trabalhadas nos chales ou écharpes ou camisolas. As lãs são muito caras e não temos capital para empatair. Por favor, encomendem, pois, com tempo, para a fábrica nos poder atender também o nosso pedido das lãs.

Para Lourenço Marques 18 chales e 24 écharpes, com esperanças de enchermos a Província com os nossos artefactos. Fátima veio cá e levou 2.

1) Chales.

a— cores: branca, rosa, azul celeste, azul marinha, castanha clara e escura, granada, cinzenta, preta e beije.

b— medidas dos chales nos teares: em diagonal, têm os grandes 1,98m.; os médios 1,86 m. e os pequenos 1,43 m.

c— preços: 125\$, 95\$ e 65\$.
2) Écharpes: são as mesmas cores. Preço, 95\$. Medida única 1,80x0,55m..

3) Camisolas: há muita variedade de pontos e modelos. O quilograma de lã tricotada é de 250\$00.

Padre Aires

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Atenção à circular que vai dentro!

Conforme prometemos, vai dentro deste número a célebre circular da Campanha para angariar novos assinantes. O interesse que a dita gerou entre os nossos irmãos de África vai repercutir-se na Metrópole e demais províncias portuguesas de além-mar. Portugal inteiro — que o Famoso circula do Minho ao Algarve, da Madeira a Africa e da India a Timor — Portugal inteiro vai lançar-se em peso na santa cruzada de conquistar novas almas para o seio do «Gaiato».

Atenção senhores leitores da Metrópole e Ultramar! A Campanha está na rua, pujante de vida. E nas vossas mãos o crescimento da assembleia que escuta e vive e diminui o sofrimento imerecido do Pobre, imagem de Jesus!

Vamos prá frente senhoras e senhores leitores! Prá frente sem perda de tempo! Porque se não fosse «O Gaiato» — pregoeiro e obreiro da Mensagem Cristã — as famílias que hoje habitam mais de duas mil casas do Património dos Pobres continuariam a viver na barraca imunda. Porque se não fosse «O Gaiato» quantas almas dos seus 43.000 leitores permaneceriam na indiferença e no comodismo! Esta, a maior conquista do Famoso!

x x x

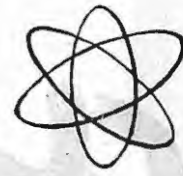
ULTRAMAR: As notícias de Africa continuam a ser espumantes! Graças a Deus. Hoje, a procissão abre com 190 assinantes da C. A. D. A., empresa de Angola que visitámos e onde fomos recebidos carinhosamente. Prometeram que iam lançar um S. O. S. por todos os empregados. Aqui estão a marcar presença e — diz a carta — «serão mais 190 pessoas que acompanharão a Obra do Padre Américo». Acompanhar e viver a Obra — eis o verdadeiro lema do assinante do Famoso!

Um voo para a outra costa e temos a Ilha de Moçambique à vista, com vinte deles! Oh Ilha de Moçambique, padrão da história de Portugal, teus filhos não desmerecem as glórias de antanho! Segue-se Lourenço Marques com uma lista de 9 e mais 5 pela mão de outros tantos.

Até agora, diz Avelino, só de Africa vieram 1070 novos assinantes! Graças a Deus.

METRÓPOLE: Apesar de apenas neste número seguir a circular para caçar novos assinantes, a Metrópole não tem dormido à sombra da bananeira. Aqui vão, sinteticamente, as presenças desta quinzena: Arcozelo, Nazaré, Aguas de Moura (4), Elvas (a minha terra!), Oliveira do Hospital, Sacavém, Coruche, Ponte de Sor e Lisboa (2).

Júlio Mendes



FACETAS DE UMA VIDA

Qual é a condição «sine qua non», para vivermos a vida sobre-natural? Evidentemente que é conhecer bem a pessoa por amor de quem assim vivemos. E como conhecê-la? Falando-lhe ou pelo menos ouvir falar dela. Outra maneira, não se vive a vida sobre-natural. Exemplo: Vicente de Paulo, o maior homem do seu século na França, levou toda a vida a cuidar dos pobres, doentes e crianças e para que a sua obra perdurasse, criou a congregação das Irmãs da Caridade. É interessante a regra de vida que lhes deixou: — «Os vossos claustros são as ruas; as celas, as casas dos doentes e hospitais; a capela, as igrejas das paróquias; o véu, a modéstia e a castidade, o temor de Deus». Tudo muito natural até aqui, não é verdade? E como podem essas mulheres levar a vida ao heroísmo sobre-natural? — «Todos os dias, continua o santo, terei uma hora de oração mental» — Eis o segredo da vida. É o conhecimento, pela conversa, da pessoa por amor de quem vivem. Há tempos, em França, 80 irmãs acudiram à voz duma Superiora que pedia gente para as gafarias de Madagáscar e quando as autoridades indagavam das suas necessidades materiais estas disseram: «Precisamos de um hábito, alimentação e um bilhete de ida, porque nenhuma de nós regressa» — Uma hora de oração mental todos os dias, disse.

O sobrenatural é e tem sido negado por alguns homens inteligentes, que encheram de grandes pensamentos o seu século e de estátuas as suas cidades, sem que no entretanto isso impeça que eles acreditem nas forças ocultas da natureza sensível e insensível ou façam o número 13 a uma mesa. Isto é corrente. É um erro supor, como muita gente faz, que a razão está sempre com as grandes inteligências e daí vem que os inteligentes arrastam geralmente as multidões. Se a inteligência não anda ligada ao bom senso e equilíbrio de espírito, nada vale. No ponto de partida de qualquer questão, tem de aparecer a par da inteligência um espírito equilibrado, sem paixões, porque se

assim não sucede, a obra que se pretende realizar muitas vezes morre em vida do sujeito. Exemplo:

Afonso Costa declarou em 1910 que dentro de 3 gerações o culto na nossa terra acabaria. Afonso Costa é uma inteligência e para conseguir este fim, fez leis inteligentes de uma, visã extensa e matemática, segundo ele. Na verdade, ele desejava que assim sucedesse, mas as coisas são o que são e não o que nós desejaríamos que fosse. Veja bem. Havia então uma paixão, um desequilíbrio no espírito do homem, que prejudicou e empanou os poderes da inteligência. As verdades transcendentes sobrepujam todo o saber humano e isto é precisamente o que um espírito em estado lúcido compreende. O culto só acaba quando acabar o género humano. Se fosse possível fazer terminar na nossa terra os que actualmente existem, seria só para dar lugar a que viessem outros. Os colaboradores das «Wonderers of the Past», talvez inconscientemente, confirmam esta verdade. O homem é fatalmente religioso. É da sua essência, da sua substância assim como é falar, pensar, caminhar, etc.

Há umas determinadas leis que ninguém tem licença de alterar; são as da natureza. Temos no caso presente um exemplo frisante. Veja como a vida religiosa em Portuga é visivelmente intensa nos tempos actuais. A tal ponto, que o Guedes de Oliveira dizia no «Janeiro» de Julho de 24: — Venho comovido de Braga (Congresso Eucarístico) tendo observado que uma multidão de muitas dezenas de milhares de pessoas se conservou em ordem, silêncio e compostura religiosa, durante uma semana inteira. Quando poderão os nossos fazer o mesmo? — Alvaro foi em Maio a Fátima, com a família. Perguntei-lhe há dias na Figueira: Que viste tu, rapaz? Vi um enorme vale sem sombra, muitas dezenas de milhares de pessoas, a orar e a chorar, silêncio, ordem e 4 sacerdotes até à 1 da manhã dando a Sagrada Comunhão ao povo. Contei até 1.300 automóveis. — Isto repete-se todos os dias 13 de todos os meses, note. *Leis da Natureza.*

(continua)



Quem, à hora do meio dia, entrasse por aquele cubículo dentro, veria e sentiria as dores, os remedeios, as tristezas e alegrias do Pobre. Os «barredos» estendem-se por aqui e por ali.

Neste domingo, triste pelo tempo mas alegre de intenções, eu entrei dentro duma barraca, festejando o dia que era. A mulher que se via, caseira, a preparar a refeição, era a mãe, que durante a semana fazia recados em casa duma senhora. Ao lado, sentado num mocho estava um homem de 32 anos, esperando pela refeição. Ela não demorou, pois não havia guisados nem composições: batatas e bacalhau. O azeite estava num frascinho. Segundo ouvi, tinha ido à mercearia por um quarteirão dele. Aquela mãe, olhou o frasco mais o azeite, e botou um fiozinho dele, dizendo consigo mesma, que aquele quarteirão tinha que dar para muitas refeições como aquela. Por casualidade, o filho também festejava o seu 32.º aniversário. Por isso, é que se deram ao luxo de comprar bacalhau.

Ele trabalha numa pedreira a carregar e arrancar pedra. «Nos dias de bom tempo sempre se vai arranjando para o caldito, mas quando vem o inverno toca de apertar o cinto». O Pobre, outro Cristo ignorado por tantos de nós, que vivemos para nós, nos prazeres da abundância, esbanjando o que não só a nós pertence. A pobreza abrange dois significa-

dos. A pobreza em si, seria fonte de muitas virtudes, se não estivesse a par a «miséria». Pai Américo, ao remediar tanto casebre sem pão, como não tinha em vista unicamente matar a fome do corpo, se não fora o constante perigo a que estão expostas as almas que, porque pobres, vivem em miséria. O pobre é viado! Não te admires nem deixes por isso de te abeirares dele. E mesmo desses que a nossa caridade mais deve abraçar. Porque mais repelentes, mais amados. «Vive assim porque é bêbado e não é capaz de querer uma cama melhor». Ouvi isto da boca de alguém, e desacreditei-o mostrando-lhe os «milagres» que Deus tem feito, transformando a lama das barracas e de autênticas nitreiras, em famílias pobres mas cristianizadas. Os habitantes das casas do «Património» em maioria seriam desses sem vontade, se não fosse a visita do vicentino. Se o Pai Américo, em vez de curar censurasse o viver do pobre, de certo que nunca encontraria o homem cristianizado. O Pai Américo amava o Pobre porque via nele uma alma.

Sempre que se abeira o inverno nós gostamos de ouvir a chuva, quando estamos metidos no meio dos cobertores. E enquanto isto, outros seres iguais a nós dormem muito encolhidos e vestidos com a rcupa que trouxeram durante o dia!

Durante cinco invernos eu re-

AQUI LISBOA

Continuação da quarta página soltado. Aqui há oito dias e pouco passou de meio milhar de escudos o que chegou às nossas mãos!

Lembro, ao menos, o que o nosso trabalho nos dá para trocar: Um pomar de laranjas; produtos hortícolas e criação, aos senhores que queiram fazer os seus passeios por aqui; oficinas de Tipografia, Serralharia e Carpintaria à vossa disposição; e algum ferro velho...

★

Quero terminar com outras vistas, mais felizes.

Um telefonema: «Quando me pode receber?...» Marcou-se dia e hora no Lar. Senhora jovem, mãe de família:

«Meu marido não é católico, mas gosta de ajudar as obras boas. Combinámos juntar para uma casa, metade cada um. Aqui tem. Que seja pela salvação das nossas almas». E passou-me para a mão o sobrescrito com a dúzia de contos.

«Se a casa pudesse ser perto de Lisboa — acrescenta — nós não queríamos que ninguém soubesse, mas gostaríamos de ajudar a família que a fosse habitar».

Graças a Deus! Outras vistas! Mesquinhez ao largo! A Fé viva num Deus-Pai que é Pai Nosso!

«Que seja pela salvação das nossas almas!»

Ai! se os homens quisessem que os reinos da Terra fossem Reino de Deus!...

Cantinho DOS RAPAZES

Como nas outras Casas, também no Tojal as catequeses funcionam em diversos grupos. É a doutrina do João Marcelo, e a do Peixoto, mais a do «Capitão» e a do «Pirata»...

Senhor Padre José Maria tem os mais velhos. Abel e Cândido tomaram seus grupitos, que ensinam em suas casas.

O meu primo irô dia não dei catequese e fui por todas elas. Tudo no seu lugar. Alguns chefes de grupos propõem as suas dificuldades. Na doutrina do Abel era o dia de jogos. Entro o portão do Cândido. Bato à porta principal. Ninguém me acudiu... Rodeei a casa até à porta da cozinha. Ai parei, antes de bater. A lição daquele dia era sobre a Escritura — Antigo Testamento. Bati. Abriram. Os rapazes sentados no chão, à oriental, sobre folhas de papel que embrulham as resmas do papel de impressão. A Ana prepara o jantar junto à chaminé. Cândido, assentado em um mocho diante dos rapazes, guia de catequista nas mãos, preleccionava. À porta que dá para a sala a avó com Carlos Daniel ao colo.

Havia silêncio e interesse. A voz bem timbrada do Cândido dominava. Meti o rosto pela porta entreaberta e disse qualquer coisa. Sai logo para não perturbar e regresssei, feliz, com aquele quadro tão simples, irradiante de beleza da vida de Família.

Aliás, aqui, Família tem um significado mais rico. Que fosse somente a presença dos Pais do ainda de colo, da Avó, unidos por um acto comum de vida espiritual!... Mas havia ali um grupo de irmãos, que, embora não de sangue, são objecto da solicitude de uma Obra que também ao Cândido serviu de Mãe.

É Ela que fundamenta a fraternidade. E ele, tendo sido chamado a dedicar-se ao seu serviço, deve firmar o mais possível sobre o concreto os laços familiares que a Obra gera, como Mãe que é.

É assim que penso dos continuadores e dos seus: Uma Família, inserida na grande Família da Obra da Rua, em estreita comunhão de vida!

Por isso tão feliz eu regresssei a casa, trazendo no coração as vistas daquela participação do Cândido e dos seus nos cuidados de Padre José Maria, ao ensinar a doutrina àquele punhadito de irmãos.

★

No grupo do «Pirata», um dos pequenitos mostrava no rosto congestionado que não estava bem. Foi-se ver... Tinha febre. Passado pouco, ele próprio se queixava com dores na cabeça.

Este é filho de um que foi nosso. Uma irmãzinha dele anda por uma ama. A mãe, por lá...

É uma vida destroçada a daquele que foi nosso. Mas tudo quanto aconteceu só era de estranhar que não acontecesse, pois jamais se viu nascer trigo onde foi semeado joio.

Lares mal começados, sem qualquer seriedade na preparação; sem se ponderar sobre a árvore de onde se vai colher o fruto — naturalmente serão mal sucedidos.

Este que foi nosso queixa-se da sua pouca sorte. Eu digo que sim, mas chamando à sua pouca sorte falta de cabêça.

Antes do desmanchar da sua casa já a sua vida tinha descido a muito baixo. Em vez de se manter e de dar a mão para levantar, ele deixou-se ir na torrente. Depois, o drama consumado desmoralizou-o ainda mais.

Apesar disso não tem estado só. Tem tido auxílios muito apreciáveis, que eu tomo como a satisfação daquela promessa de que o Salmista fala: «Feliz do que cuida do Pobre... No dia mau o Senhor salvá-lo-á».

Ora ele foi vicentino, mesmo ardoroso vicentino. Mas até como tal decaiu, antes de deixar de ser! Em todo o caso o Senhor não esquece o bem que Lhe foi feito: «O que fizeste ao mais pequenino dos irmãos, foi a Mim». E tem pago a cem por um.

Hoje, amparado por outro dos nossos, ele procura uma vez mais reconstruir a sua vida. Esperemos em Deus...

★

Dois quadros. Duas imagens. Uma alegre; outra triste. Uma pelo que sim, a outra pelo que não — ambas dizem bem alto da formosura, da santidade, da felicidade da vida de Família.

parava que era nessa época que os carcereiros mais abriam as portas, para dar entrada a mais um, preso por «abuso de confiança» ou por «escalamento».

«Aperta-se o cinto»: o Pobre não quer ser ladrão. A «miséria» em

que vive, tira-lhe a vontade de viver «bem», e arrasta-o para o vício. O Pai Américo sentia que não eram eles os culpados, mas sim todos os que podemos e não queremos.

Ernesto Pinto

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

DISCOS: Muitos discos. Eram para a nossa sala de recreio. Temos gira discos e por sinal muito bom, se tivéssemos eles ainda seria melhor. Nós somos adeptos de Luís Piçarra, Guilherme Kolhner, Domingos Marques... São de facto os melhores e nós queremos ouvir muitas vezes, a voz dos nossos ídolos. Não há por aí quem tenha discos destes apreciados cantores? Era uma grande alegria se conseguíssemos alguns e estamos certos que vamos ser ouvidos. Vamos a ver!

CANTORES: E dos bons os há cá em casa. Lá está o Ramada, o João de Setúbal, o Américo, Quim Pequeno no ensaio e estão animados da melhor maneira para entrarem na revista «O Baú da Menina Alice» que esperamos seja outro sucesso... Quem os quiser ver é no salão, sobretudo ao domingo de manhã. Muito bem. A música educa, eleva, encanta, cultiva. É um entretenimento muito bom e estas brincadeiras servem às mil maravilhas para deixar falar a alma destes rapazes. Não falamos nos tenores da Casa, que são uma categoria, mesmo quando fazem furos nas agulhas...

PATINS: Quanto a eles, nada na manga. Os senhores esqueceram-se, não? O Rink está uma categoria, os aprendizes muito categorizados. Só falta a categoria dos patins para que não falte a grande categoria do grupo. O Sporting Clube da Tipografia espera apresentar uma equipe que não deixe ficar mal. Para isto é preciso que os estimados leitores oiçam. Para esse lado não se percebe nada? Para aqui não se vê mesmo nadinha...

AMIGOS: Há tantos e tão bons que nos consolam. O Amor ainda não acabou. Os «nossos» permanecem fieis aos seus princípios do Amor.

Queremos apresentar uma palavrinha de agradecimento para o Senhor Dr. Vila Real um dos amigos que está sempre presente em nós. Quantos trabalhos, sempre feitos com alegria, sem nunca ter levado um tostão e ainda por cima nos manda boas quantidades de remédios, para o nosso hospital, como desta vez. Deixou o Sepadre Carlos, a senhora, todos nós, muito alegres e contentes, pois vemos que nem tudo é egoísmo. Que ainda existem os defensores de «terras de ninguém».

Um grande abraço, senhor Dr. e oxalá que continue «arrelampado», como se diz em linguagem tão puramente gaiata. Sim, nós continuamos a ser «doutores em lavouras» e não nos importamos nada mesmo nada com o negócio!

ALEGRIA: Esteve de visita anos sa Aldeia o Senhor Castro Maia, o Dr. «Baril» da Voz dos Ridículos de quem somos amigos com muita alegria. Costamos muito destes amigos que são dos bons, porque dos primeiros. Qualquer dia teremos cá a visita deste interessante programa radiofónico. Já metemos uma «cunha» e não nos esqueceremos de falar ao ouvido do Senhor João Manuel, que é o Senhor Director a ver se dá um jeitinho...

É que nós gostamos muito do slogan: «A Voz dos Ridículos fala... e o Mundo acredita e ri»...

Daniel

MIRANDA

Foi precisamente no dia 23 do passado mês.

Ao meio-dia, toda a família desta Casa do Gaiato e Lar de Coimbra se encontrava já reunida à volta do altar de Deus e nos respectivos lugares os noivos aguardavam, prontos, o momento próprio da realização do seu matrimónio.

A capela estava repleta de gente não só para assistir ao enlace, mas também à Santa Missa.

Foi tudo muito simples, mas tudo muito grande, muito sublime. Fez a homilia, alusiva ao acto, o Senhor Padre Carlos que evocou e venceu a presença de Pai Américo.

Depois da Santa Missa, no qual tivera lugar a cerimónia nupcial, os noivos, depois de um banho de flores e confeitos à saída do templo, dirigiram-se à sua casa que se encontrava que nem um primor. Não faltaram prendas das mais diversas partes, ofertas de pessoas anímas, especial-

mente dos C. T. T. de Coimbra, que nas horas de alegria, como nas de tristeza se associam sempre a nós e que uma vez mais não quiseram faltar.

Por tudo isto, aproveito para agradecer em nome do Luís e da Irene que a todos dirigem um sincero «bem-haja».

Por fim usaram da palavra alguns convivas, entre os quais o «João de Torres Novas» que há quase dois anos aqui havia realizado o seu consórcio.

A fechar falou o Luís que manifestou a sua alegria e incitou os seus irmãos mais novos, pois ele era o mais idoso de todos os rapazes desta casa, a seguirem uma conduta digna com vistas a este grande passo que, possivelmente, a todos espera e que é o casamento.

À tarde os noivos seguiram para a nossa Casa de Setúbal, onde passaram alguns dias.

Carlos Trindade



Nunca compreendi tão bem como agora as palavras dos Livros Santos: «aquele que ama o seu irmão, Deus o livrará na hora má».

Aproximava-se o seu fim e a família muito preocupada com a hora das contas com Deus. Em vida havia-se afastado das práticas religiosas, mas nunca tinha perdido o sentido da justiça e da caridade. Esta última virtude parece tê-la praticado em alto grau. Nos últimos tempos a sua paixão eram os pobres. Andava também preocupado com o seu problema espiritual.

Fui chamado a assistir-lhe nos últimos momentos. Encontrei-o mergulhado no desânimo. Cheguei mesmo a desanimar também. Mas, à medida que a morte se aproximava, Deus, que ele agora também havia procurado, aproximava-se também. Ficámos convencidos de que se encontraram. No último dia pediu que rezássemos e rezou.

Quis receber a Santa Unção e confessou-se pecador. Beijou amorosamente a imagem do Senhor Jesus Crucificado, nosso Salvador. E assim, em serenidade, partiu do meio de nós.

Acreditamos que naquela hora pesou diante de Deus a seu favor todo o bem que havia feito e aspirava praticar; a fome que matou e o abrigo que deu a quem o não tinha; as causas das viúvas e as aflições dos Pobres que muitas vezes defendeu. Acreditamos, mais que nunca, na doutrina das boas obras. Foram as boas obras, mais do que a Fé esclarecida, que fizeram aquele encontro com Deus. Ai daquele que aparece diante de Deus com as mãos vazias!

Os filhos, logo diante do corpo do Pai ainda quente, prometeram mais uma casa para os Pobres. Foi uma grande recomendação que chegou ao céu. Assim o cremos.

x x x

O casamento do nosso Luís foi entre nós um dia muito grande. O Matrimónio é, por sua natureza, um grande Mistério, como diz o Apóstolo das Gentes. Foi grande na alegria da nossa família. Os nossos rapazes das oficinas foram incansáveis para que a casa, mobília e tudo estivesse pronto.

O Luís mereceu este dia. É nosso há quase dezanove anos e não teve um momento de infidelidade. Entre as famílias da nossa sociedade não há filhos melhores. Nunca teve pai e perdeu a mãe em pequenino. Sem família de espécie alguma, tem sido sempre totalmente nosso. Agora ficou ao serviço da nossa quinta.

Neste dia lembrei-me de tantos rapazes nossos que ainda não quiseram ser nada. Mais inteligentes e de mais iniciativa do que o Luís, mas falhados de vontade. Recebi na altura duas cartas de dois que até muita fome têm passado. Pedem a mão numa hora extrema. Ambos inteligentes e já tiveram empregos decentes que lhes arranjámos, mas faltou-lhes a vontade.

O Luís foi sempre fiel. Fiel a nós e também a Deus. Eis porque todos sentimos tanto a alegria do seu casamento.

x x x

O nosso Humberto do Lar estabeleceu-se com uma mercearia em Coimbra na Rua das Azeitonas.

Quem durante muito tempo o havia de dizer?

Veio a hora e ele tomou consciência. A sua vida cristã e o amor aos Pobres têm sido uma escada. Muitas pessoas da Baixa me têm falado na sua educação e delicadeza. Sabemos de quanto trabalha e se preocupa com os que sabe afastados de Deus e andam por maus caminhos. Tem alma de Apóstolo e sentido prático da vida.

Embora saibamos que o Humberto não é perfeito, esperamos que ele caminhe sempre com acerto e que os que podem o ajudem. Este rapaz tem sido motivo de felicidade para nós.

Se Pai Américo fosse vivo, quanto havia de vibrar neste dia do seu 73.º aniversário com o casamento do Luís e a mercearia do Humberto!

Lixo tirado das ruas e hoje luzes acesas a guiar.

Padre Horácio

Aquí, LISBOA

A ausência de Padre José Maria, por uma merecida e necessária paragem nesta nossa vida tão absorvente, trouxe-me ao Tojal esta quinzena.

Tem sido um recapitular dos meus primeiros passos na Obra da Rua — que os dei aqui. A recordação rejuvenesce-me. A variante acalma a excitação que o cansaço imprime em nós. Sinto como na mocidade daqueles primeiros passos, todos nimbados de optimismo, ainda immaculados de desilusão.

Faz-me bem este regresso. Renova-me a coragem para a transposição dos obstáculos que o dia a dia nos levanta.

Poderá ser, pois, que este meu estado de espírito ajude ao agrado deste contacto com os rapazes do Tojal e de Lisboa, por quem tenho passado sempre veloz, nos últimos anos. Mas não creio que ele seja a única, nem sequer a causa principal deste bem estar. Há um progresso objectivo, real, nestes rapazes. Sente-se mais personalidade, mais interesse por tudo isto que é deles, para eles, e — é norma nossa e nossa grande aspiração que seja o mais possível por eles.

Padre José Maria não nota porque tem permanecido continuamente. Também se não apercebe quem passa acelerado. Mas quem pára, recorda e vê — não pode não reconhecer (mesmo sobre a maior imperfeição material de alguns serviços) os frutos de

uma pedagogia eminentemente activa, que prefere o risco de confiar no rapaz, responsabilizando-o às garantias de uma acção demasiadamente dirigida.

Quão longe ainda do amadurecimento suficiente! Quão mais longe daquela maturidade por que suspiramos.

Ainda não chegou o dia em que esta casa nos desse o rapaz suficientemente qualificado em dons de inteligência e de habilitação profissional, bem formado, espiritualmente, e disposto a optar por SERVIR — na plena consciência das possibilidades que deixa e dos sacrifícios que pode ser chamado a assumir. Ainda não chegou esse dia feliz..., mas creio que vamos no caminho dele.

Esse dia, é, afinal, o que toda esta comunidade deseja: ter um dos seus a continuar a Obra. Mas essa resposta exige uma preparação cuja responsabilidade é colectiva — porque todos têm de cooperar no merecimento dela e na criação do ambiente em que surgirá essa dedicação.

Este desejo, julguei interpretá-lo, há dias, no ar festivo com que um me noticiava a próxima ida de dois para a tropa: «São os primeiros que saiem daqui para lá...!»

Quão longe ainda..., mas vamos a caminho! Encho-me de esperança e peço a todos, sobretudo aos mais velhos, que reflitam e vençam todos os entraves que o egoísmo opõe e se disponham, trabalhando séria, lealmente, consigo mesmo e com a Obra sua Mãe, a dar-nos depressa a alegria do cortar da meta.

E Padre José Maria que ajoelhe e dê graças a Deus.



Eu, hoje, escreverei daqui sob o signo dos contrastes. A estas boas notícias se segue a confirmação de uma queixa que esta coluna tem registado outras vezes: a dormência de Lisboa para esta casa que há 13 anos se abriu para a servir.

O benefício de uma Casa do Gaiato não é só para os rapazes que ela abriga sob seu teto maternal. É também para a sociedade em geral, nomeadamente aquela parte que é liberta de tantos pesos mortos, que amanhã poderiam ser mesmo ameaçadores e se convertem — a maioria, graças a Deus — em valores positivos, mais ou menos, conforme a capacidade de cada rapaz.

É este sentido de utilidade colectiva, redundante na utilidade de cada cidadão, que faz passar pelas nossas casas do norte, na roda do ano, multidões, as mais das vezes de gente humilde, a qual manifesta a sua compreensão desse benefício, «desobrigando-se» com seus tostões quantos — Deus os sabe — tirados à boca.

Há oito dias, precisamente, no aniversário de Pai Américo, celebrando na Sé do Porto para os grupos de Bem-Fazer da Capital nortenha, eu tive oportunidade de experimentar uma vez mais de como o Povo toma a sua parte activa nesta Obra, que é para seu bem.

Eu tenho ouvido e lido muita vez: «A obra também é nossa. Nós temos o dever de ajudar a continuar a Obra do nosso Pai Américo». É o sentido da Verdade a brotar espontâneo do coração do nosso Povo.

Porquê, então, tão dura a vida desta casa? Porque são escoracados das portas de certas igrejas os nossos vendedores de «O Gaiato», se às

mesmas, e por toda a parte, se propagam tantas publicações, que não têm mensagem, muito menos Mensagem de Salvação? Porquê tão difíceis alguns púlpitos da Capital, quando a verdade (confessada até pelos Párcos que generosamente nos abrem suas portas) é que nós temos deixado sempre mais alvoroço nas almas do que trazido o dinheiro das algibeiras? Um alvoroço vivo, operante, que deu aquela vez e fica mais ciente o dever de dar, a esta, a todas as obras que pertencem à realização do Reino de Deus e da Sua Justiça!

Porque será, então, tão dura a vida desta Casa, que sendo, sobretudo, para servir Lisboa, devia ser menina dos seus olhos?!

Nunca na nossa Obra o

material foi estorvo. Nós acreditámos — e a própria experiência justifica a nossa Fé — que jamais nos poderá faltar com que realizarmos o que Deus quiser do nosso esforço. Mas somos humanos. Sofremos o desgosto resultante do compromisso de pôr a mesa quatro vezes ao dia a mais de 100 filhos, sem violarmos o dever das nossas contas sempre em dia.

E nesta porção de energia consumida, acaso não era bem mais útil ao Povo, posta a render ao serviço da edificação dos rapazes que nós vamos buscar às rnas, enfermos de alma e queremos restituir à sociedade, são, prestáveis?!

Eu faço meu este desabafo que Padre José Maria tem

Continua na página DOIS

★ BELEM ★

Sem outro assunto, vamos à nota das presenças à Obra até 31 de Outubro, para que possa ser publicada na íntegra.

A representante do casal R. D. de Viseu, que tão bem sabe esconder-se, voltou com 100\$00... «A remediar a minha falta, por ter estado para fora do país nos dias de aniversário, meu e de meu marido. Vão também umas batatas e meia dúzia de toalhas que vão fazer com que andem limpas tantas mãos pequeninas. Peço-lhe aplique algum dinheiro em guloseimas para as suas miúdas».

Olhe, boa amiga, desta vez não foi nada para «guloseimas». Eu chamei a pequenada e disse que escolhessem: ou guloseimas ou uns escudos para a prenda da Feira. Foi um delírio! Todas preferiram as prendas. E lá fomos aprender a comprar. Algumas voltaram carregadas de louça e bonecos de barro. Outras deixaram-se atrair pelos balões coloridos que depressa «explodiram». Mas delas houve que guardaram o dinheirinho muito bem, para no dia seguinte comprarem uma caixa de lápis de cor. Foram as que fizeram melhor negócio, porque dos bonecos de barro qual quer dia nem rasto há. — Está satisfeita? — Para as nossas compras escolhi o domingo seguinte ao encerramento oficial da Feira, pensando que a entrada já não fosse paga, mas enganai-me. Porém, depois de algumas voltas, lá conseguí entrar de grátis. Bem hajam os porteiros e mais responsáveis, pela sua boa vontade. Também demos uma volta no carrocel e por último assaltámos a barraca das «farturas». Tudo grátis! Eu andava admirada comigo mesma, pois sempre detestei carroceis e estes assaltos não me estão a feito. Só por elas!...

De Paço de Sousa recebi vales de 2.150\$00 e 700\$00, somas das importâncias ali recebidas. Destas esmolas quero distinguir uma oferta de O. C. B., de mil escudos, chegada de Belo Horizonte. É que é a primeira que me vem até Belém da Nação Brasileira. Assim fica aberto o caminho.

Gina Maria voltou mais duas vezes com vales de 45\$00. Do Porto, Maria Fernanda comparece com 50\$00. Outro tanto e calçado usado de Susana, de Coimbra. Visitantes de Lisboa aqui em férias deixaram 70\$00 e uma caixa de bolachas. De visitantes de Angola 250\$00. Outra visitante de fora com 50\$00. Senhoras do Porto entregaram 50\$ e bolachas. Vieram roupas usadas de Fundão, Beira Baixa. Vale de 100\$00 de Maria da Natividade, do Porto. Um sacerdote visitou-nos e deixou 50\$00. De vários amigos de Viseu, feijão, relões, batatas, cebolas, azeite, uvas e outra fruta. Promessa de 400\$00, de Professora amiga de Viseu.

«Com o meu carinho por Belém», 100 mais 100 de M. E. do Porto. Roupas usadas e calçado de Maria da Conceição, de Coimbra. Por

duas vezes a habitual nota de vinte, em carta anónima de Lisboa. — Vamos rezar pelos seus! Louça de cozinha, oferta de «um amigo de Coimbra». Maria da Glória, do Porto, envia 50\$00 «como contribuição das férias de 1960».

Uma nota de 20 em carta muito linda, a pedir que não parta o mealheiro que tenho sobre a secretária e... a ensinar um processo prático de despejar todos os mealheiros sem os partir... — Obrigada!

Colcha para bebé, por «amiguinha do Gerês». De Serpa, «uma admiradora da Obra», no dia do seu aniversário, 50\$00. Maria Amélia, da Av. de Roma, em Lisboa, volta com 50\$00 mais 50\$00. Temos pedido pela sua intensão. Uma «Serrana da Estrela» diz que envia 100\$00 mas eu é que ainda não conseguí vislumbrar os ditos. Para a outra vez, mais cuidado... Maria Cecília e Marido comparecem com 100\$00 das contribuições de Setembro e Outubro.

«Para as queridas belenitas envio 100\$00 em acção de graças por tanto que Deus me tem dado e para que Deus continue a abençoar o meu lar e o de meus pais, ao fazermos agora 6 e 39 anos de casados».

Um bom lençol de «leitora assídua de O Gaiato». Da Rua Frei Tomé de Jesus, em Lisboa, roupas usadas. Dois casacos usados de F. C. da Beira (A. P.). «Uma amiga das belenitas» envia roupas de criança. Da mesma cidade chegaram outros pacotes com roupas. C. P. Martins, de S. João da Madeira, enviou 50\$00 mais 50\$00.

Eduardo de Jesus, L.da enviou várias peças de roupa e outros artigos. Da Beira, para as belenitas, 50\$00 mais 100\$00 da Zezinha e Avó. Recebemos 200\$00 do Presidente das Festas Henriquinas da Rua Formosa e outro tanto do grande prémio atribuído à Casa dos Lanifícios em Viseu.


O Secretariado Diocesano da Catequese ofereceu-nos catecismos e outro material didáctico ao ensino da catequese. Cândida Maria de Alvalade, Lisboa, enviou todos os livros de estudo necessários às belenitas no corrente ano lectivo.

Quota mensal da Farmácia Confiança, até Outubro. Setentas e mais papel da Papelaria Porto, em Viseu.

«120\$00 e um relógio de pulso para a belenita mais bem comportada. É usado mas tem regulado bem».

Senhora, o relógio ficou por enquanto, metido numa gaveta, à espera que alguma amadureça a ponto de o saber estimar devidamente. Por enquanto, nem a mais velha! Se eu lhe contasse os tratos que leva a louça na cozinha e os cuidados que me dão as mais crescidas com a roupa e calçado, veria como tenho razão... Pode ser que o seu relógio lhes esperte o brio...

Bem hajam. Inês



CALVARIO

continuação da primeira página

deito palha no chão e assim fico. Queria tanto ficar aqui, meu senhor!»

O pedido não me surpreende. As circunstâncias, sim, surpreendem-me. Hesito na resposta enquanto medito no que retine em meus ouvidos. O recém-chegado apresenta-se doente, mas aparenta certa robustez. Pede abrigo e não trás documentação de espécie alguma. Contudo, a miséria estampa-se clara no rosto e no traje. E, apalpa-se facilmente a verdade neste: «eu preciso de quem me acuda». E quase sem eu querer sai-me a resposta: — Então fique.

O tempo fez leis, criou normas, exigiu papeis, inventou cunhas. A Obra da Rua, na sua simplicidade, é a negação de tudo isso. Basta-lhe o Pobre em seu viver amargurado. Tudo aquilo é muitas vezes capa risonha e garrida da mentira. Nós, porém, acreditamos francamente na lealdade do Pobre, pelas credenciais que o Pobre dos Pobres lhe entregou. Sentimos a necessidade de o amar e isto é suficiente para agir e resolver. E resolvemos as dificuldades amando quem chega. Vamos ao Evangelho e só ali beber o modo concreto de o fazer.

Ora, dou-me por feliz com a anuência à estadia deste Pobre no Calvário só para o ver aqui contente e saber que passa dias serenos e noites em paz, após tantas de insónia.

É domingo. A tarde prolonga-se demoradamente. Dou volta às moradias do Calvário, e entro na casa «Pelo meu sofrimento». E que vejo? O Pobre de Santo Tirso na cama, bem tranquilo. — «Olhe, Senhor Padre, sabe tão bem estar na cama a quem não a tinha como eu!» E não. Deitava-se sobre palha, em casa dos lavradores. Não é raro toparmos com quadros de beleza intraduzível, que por certo o mundo não admira, mas que nós registamos como este: um ex-desgraçado sem eira nem beira dormindo a cesta em leito de lavado. A ânsia da Obra da Rua é arrancar ao mais baixo nível o miserável que ali se encontra; transpor todas as dificuldades até o conseguir; e, depois ficar contente quando o Pobre se regala em dormir a cesta.

Como poderia ser diferente a Obra da Rua, se o abandonado, que reclama e exige a existência da mesma Obra, é o senhor dela? E, sendo dono, não carece de apresentar documentação para entrar; e, entrando, consola-se no que é seu.

Padre Baptista

